



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de abertura da Semana Internacional da Construção e Iluminação

São Paulo-SP, 04 de abril de 2006

Meu caro Luiz Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio,

Meu caro Márcio Fortes, ministro das Cidades,

Meu caro Gilberto Kassab, prefeito da cidade de São Paulo,

Minha querida companheira Marta Suplicy, ex-prefeita de São Paulo,

Meu querido Paulinho Bururu, prefeito de Jandira,

Meu caro José Rafael Guagliardi, presidente da Alcântara Machado,

Meu caro Carlos Eduardo Uchoa Fagundes, presidente da Abilux e da Sindilux,

Meu caro Cláudio Elias Conz, presidente da Anamaco,

Meu caro Jair Saponari, diretor da Feicon,

Senhores presidentes das entidades da construção e iluminação,

Senhoras e senhores empresários,

Senhor Antonio Ramalho, presidente do Sintracon,

Senhor Waldemar Pires de Oliveira, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Construção Civil, filiada à CUT,

Senhoras e senhores,

Há de se perguntar o significado de uma feira dessas para o desenvolvimento de um país, para o desenvolvimento do estado, da cidade e para o desenvolvimento do setor da construção civil no nosso país.

A gente, há muito tempo, aqui no Brasil, aprendia com um grande comunicador brasileiro, que os mais velhos se lembram, o nosso inesquecível



Chacrinha, que dizia: “quem não se comunica, se trumbica.” Portanto, eu acho que o setor da construção civil, no Brasil, não pode continuar a ser um setor acanhado. O Furlan disse, em algumas feiras importantes, que a gente pretende ser sócio, parceiro, cúmplice, para que a gente possa dinamizar o setor da construção civil brasileira em outros países do mundo, não apenas para contratarem nossas empresas, para construir lá e, sobretudo, para comprar parte do material que nós tão bem sabemos produzir aqui.

Eu, cada vez que viajo a um país mais pobre que o Brasil, fico me perguntando o que falta para que o Brasil possa ocupar, naquele país, o espaço que durante tanto tempo outros países ocuparam no Brasil. Certamente, nós não teríamos as ferrovias que tivemos no final do século XIX, se os ingleses não acreditassem em nós; certamente, nós não teríamos o crescimento da indústria que nós tivemos, se alguns italianos, como os Matarazzo, não acreditassem no Brasil; certamente, nós não teríamos o crescimento que nós tivemos se a indústria automobilística americana e alemã não acreditassem no Brasil, e agora todos os países.

Portanto, a nossa construção civil, ela precisa olhar além da fronteira da sua cidade e da fronteira do seu estado e da fronteira do seu país, olhar além do Oceano Atlântico, olhar para trás e ver toda a América do Sul, e ver na nossa relação comercial, sobretudo uma relação comercial sadia, que queremos construir. Existe um espaço extraordinário para que a gente possa fazer negócios, dobrar os negócios que nós já fizemos, gerar mais riquezas, para as micros ficarem pequenas, as pequenas ficarem médias e as médias ficarem grandes, que é esse o objetivo de todo mundo. E fazer com que a construção civil brasileira seja um retrato, uma fotografia, daquilo que o nosso país pode fazer no mundo.

Nós já temos o carnaval, nós já temos o futebol, nós já temos o avião, nós temos produtos primários que são imbatíveis na relação comercial, nós temos alguns produtos manufaturados importantes, nós já temos empresas de



construção civil pesada, que disputam com qualquer empresa de qualquer país do mundo. E temos ganhado concorrência em quase todos os países do mundo, e agora eu acho que falta a gente entrar com a indústria da construção civil brasileira em mercados que precisam de materiais de qualidade, a preços acessíveis, e nisso também o Brasil pode se transformar num país imbatível.

Eu disse ao Furlan que todas as viagens que ele quisesse fazer e lotar um avião de empresários, o “sucata” está à disposição. Muitas vezes, eu me lembro como se fosse hoje, a primeira viagem em que nós fomos ao Oriente Médio, nós fizemos uma feira. Uma feira em que vários empresários brasileiros, não sei se alguns da construção civil, estavam lá fazendo as suas exposições. Por exemplo o setor de calçado, e a crença era tão pouca de que a gente poderia vender que as pessoas levavam só um pé do sapato, não levavam os dois. Estava lá à mostra.

Eu sei que muita gente queria saber e especular do Furlan, as pessoas queriam saber do Furlan quanto tinha custado aquela feira. E o Furlan falou: “Presidente, não era eu que queria saber não.” Era a imprensa que perguntava quanto tinha custado aquela feira. Eu me lembro que naquela ocasião o Furlan falou: “Presidente, essa feira vai custar por volta de 500 mil dólares”. Mas a gente não deveria perguntar apenas o quanto custa a feira, a gente deveria perguntar o quanto essa feira vai render para os empresários que acreditaram em fazer as suas exposições aqui.

Qual foi o dado concreto e objetivo? O dado concreto e objetivo é que depois da nossa volta do Oriente Médio, as nossas exportações praticamente duplicaram em todos os países que nós visitamos. É por isso que eu acordei ontem, e o Furlan é um dos ministros que só me ligam para dar notícia boa. Quero fazer esse reconhecimento aqui de público. O Furlan me ligou ontem para dizer o seguinte: “Presidente, apesar do ceticismo de alguns, eu quero lhe comunicar que no mês de março batemos um novo recorde de exportação. Exportamos 11 bilhões de dólares, 11 bilhões, 346 milhões no mês de março.



Quero lhe dar o segundo dado otimista Presidente. Nas importações, importamos 6 bilhões, 736 milhões de dólares, outro recorde também nas importações só comparado a agosto do ano passado”. E aí o Furlan me deu um terceiro dado positivo: “Presidente, outro recorde. Quando fizemos o PPA em 2003, nós prevíamos que em 2007 nós iríamos atingir um fluxo de comércio de 215 bilhões de dólares, nós estamos no mês de março e atingimos 200 bilhões e 53 milhões, significa que com um ano de antecedência, certamente, nós iremos cumprir o PPA que estava previsto para o ano de 2007”.

Mas as notícias boas não param por aí. Por que eu estou falando de notícia boa? Porque de vez em quando a gente lê muita notícia ruim. É como se a gente se levantasse de manhã e fosse perguntar para um corintiano as virtudes do Palmeiras, nenhuma; ou fosse perguntar para um palmeirense as virtudes do Corinthians, nenhuma; ou fossem perguntar para um torcedor argentino as virtudes da seleção brasileira, nenhuma. E vice e versa também, a recíproca é verdadeira. Os brasileiros não veriam nenhuma.

Então, cabe ao presidente da República, de vez em quando, dar as boas notícias que nem sempre a gente vê nas bancas de jornais, que nem sempre a gente ouve ou a gente vê.

E eu queria dizer Furlan, uma notícia boa, a nossa economia, ela começou o ano, eu diria, altamente promissora. Apesar da quantidade de coisas que se falou da economia, a verdade é que nós, em janeiro, em fevereiro, fevereiro deste ano, nós crescemos 1.2 em relação a janeiro deste ano. No bimestre, nós crescemos 5.4 em relação a fevereiro do ano passado. Fevereiro deste ano com fevereiro do ano passado. E no primeiro bimestre, juntando fevereiro e janeiro deste ano, a nossa indústria cresceu 4,2% em relação a 2005. Aumentou o nível de emprego, tivemos o melhor fevereiro desde 1992. Foram 176 mil empregos positivos criados no Brasil e, certamente, a construção civil participou com uma parcela disto. Aumentou a massa salarial e, aumentando a massa salarial, conseqüentemente, aumenta o poder



aquisitivo, vai aumentar o consumo e, portanto, vai aumentar um pouco mais a indústria. E o aumento de crédito, que eu duvido que alguns de vocês já tenha visto, em algum momento, no Brasil, a quantidade de disponibilidade de crédito para a economia como um todo e, sobretudo, para a construção civil brasileira.

Eu quero te agradecer porque habitualmente as pessoas não agradecem as conquistas. Isso é normal na vida humana, a gente está sempre querendo um pouco mais e foi o primeiro discurso que eu ouvi dizendo as coisas boas sem reivindicar coisas novas, mesmo sabendo que tem coisas para ser reivindicadas e que nós apenas começamos um processo de desobstrução ao desenvolvimento da construção civil no país. Obviamente que tudo isso vai ter que ser combinado mais à frente, numa diminuição da informalidade dos trabalhadores, para que a gente possa dar mais trabalho com Carteira Profissional assinada, portanto, mais estabilidade. É isso, obviamente, que leva vocês a ajudarem a gente a fazer o trabalho que é preciso para fazermos, primeiro, a reforma da estrutura sindical, que está no Congresso Nacional, e a reforma da legislação trabalhista, que precisa ser adequada ao século XXI, e não ficar com resquícios da metade do século XX. E isso é plenamente possível fazer se nós continuarmos sentando, empresários, trabalhadores e governo, sem a pergunta ou a insinuação de quem vai ganhar. Só tem um que precisa ganhar: é o país. Se o país ganhar, ganharão os empresários, ganharão os trabalhadores e ganhará o governo. É por isso eu estou convencido que esse será o próximo passo que nós temos que dar.

Mas vamos ver, para não ficar no discurso teórico, algumas coisas que aconteceram na construção civil brasileira, no setor de luz, aqui. Primeiro, uma coisa que deixa algumas pessoas nervosas no Brasil, é quando eu faço comparação. E eu não tenho como trabalhar, e nenhum economista tem como trabalhar, nenhum cientista político, se ele não fizer comparação: ou pior ou melhor. Mas o dado concreto é que desde que nós tomamos posse, até o próximo ano, os contratos já estão feitos, nós vamos ter feito, em cinco anos,



no Brasil, 22% de linhas de transmissão de tudo que foi feito em 122 anos. Vou repetir: em cinco anos, nós vamos fazer 22% de tudo que foi feito no campo das linhas de transmissão em 122 anos. Podemos dizer aos empresários brasileiros que acabou a era do apagão, que não haverá mais possibilidade de ter apagão neste país porque nós estamos interconectando os sistemas e quando tiver falta de energia num lugar e tiver excesso em outro, ao invés de a gente ficar chorando, apenas faz a reversão e a gente pode suprir a demanda energética de um país.

Isso tem sido feito pela iniciativa privada em parceria com a Eletrobrás e tem dado um resultado extraordinário. Estamos lembrados que na época do apagão tinha energia de sobra no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e faltou energia em São Paulo, só que nós não tínhamos as linhas de transmissão para transportar energia para cá, então nós perdíamos. Agora, isso não vai acontecer mais.

O mais importante é que nós criamos um programa chamado Luz para Todos. Nesse programa Luz Para Todos, nós já fizemos 534 mil, 770 ligações, atingindo 2 milhões e 650 mil brasileiros. O Luz Para Todos já utilizou 1 milhão de postes, 136 mil transformadores e nada menos que 172 mil quilômetros de cabos elétricos, o suficiente para dar a volta ao mundo quatro vezes, ou seja, iríamos muito mais longe do que o nosso astronauta foi, com a quantidade de cabos que nós estamos utilizando no programa Luz Para Todos. E o programa Luz Para Todos, qual é a vantagem dele? Esses dias eu estava assistindo um programa de televisão que, certamente, muitos assistem aqui, o Globo Rural. Ao passar uma reportagem sobre o programa Luz Para Todos, sabe do que eu me dei conta? É que nós estávamos fazendo uma família dar um salto do século XVIII para o século XXI, estávamos tirando uma família das trevas para colocá-la no mundo civilizado, no mundo da luz e, se Deus quiser, e a indústria tiver capacidade de produzir cabos, postes e luz, até 2008 nós não teremos neste país nenhum cidadão sem energia elétrica. Esse é um programa em que



80% dos gastos são feitos pelo governo federal, de graça. Uma ligação, vocês sabem, chega a custar, dependendo da região, 3 mil e 600 reais, e ela é dada de graça para o povo, sobretudo do campo, sem que ele tenha que pagar nada e ter acesso à modernidade.

É importante lembrar também os investimentos que nós estamos fazendo. Eu não sei se em algum momento os empresários tiveram a disponibilidade de recursos que vão ter. Eu me lembro que quando nós aprovamos a Lei da Afetação e fomos, em Brasília, fazer o sancionamento daquela Lei, eu me lembro de um discurso de um empresário da construção civil, eu não me lembro agora se foi da Abdib, quem é que foi que me disse o seguinte: “Presidente, nós agora estamos preocupados”. Eu falei: por quê? “Nós estamos preocupados porque a disponibilidade de dinheiro é maior do que aquela que a gente está preparado para captar no mercado”. Mas já passou um ano e meio e eu acho que os empresários da construção civil estão agora muito mais preparados. Do dinheiro que vai ser disponibilizado, dos 19 bilhões que o Márcio disse, 10 bilhões a gente vai priorizar para casas de trabalhadores que ganham até 5 salários mínimos, 8 bilhões nós vamos disponibilizar para setores da classe média que precisam comprar casa, e 1 bilhão será especificamente com o objetivo de acabar com as palafitas no Brasil, que é a forma mais degradante a que o homem foi submetido.

E pasmem, para minha surpresa, eu chego aqui para falar e do meu lado tem até quatro pessoas escoradas na parede, significa que a parede é forte, não vai cair com qualquer chuvinha, não vai cair, essas casas foram pensadas, arquitetadas e projetadas pelo Senai. Dá uma olhada na casinha, parece a casa que o Jair vai ter no sítio dele, uma casa de campo, bonita, feita de tijolo. Como é que se chama este tijolo? É o baiano ou cerâmica. Sei lá como é que é. Mas olha essa casinha, Márcio, 17 mil reais o custo com mão-de-obra. Eu acho que nós precisamos melhorar um pouco as casas que a gente está fazendo para a parte mais pobre da população, porque eu acho que não é



porque o cara é pobre que tem que ter uma casinha muito humilde. Esta casinha aqui, do Senai, para o povo pobre do país, você pode começar a levar em conta agora que a gente pode melhorar.

Se o Senai foi capaz de produzir uma casa dessas, certamente que a nossa engenharia pode pensar outros modelos de casa que não seja apenas economicamente rentável para uma empresa, mas que seja socialmente, eticamente e dignamente uma casa merecedora de morar uma família trabalhadora neste país.

Mas não é apenas isso. Vocês viram o que aconteceu na construção civil no ano passado. Eu me lembro que a fábrica de postes andava até meio em crise um tempo desses aí. Eu tenho amigos que trabalham carregando postes por este país afora e eu me lembro que quando nós começamos a fazer as reformas nos aeroportos brasileiros, esse meu amigo, que é caminhoneiro, dizia: “meu querido Presidente, eu nunca transportei tanto poste na minha vida.” E, certamente, se o programa Luz para Todos está usando um milhão de postes, até agora, vocês imaginem o que a gente vai poder utilizar porque nós estamos atacando todos os aeroportos brasileiros, estamos atacando os principais 11 portos brasileiros e estamos fazendo um investimento na recuperação das estradas brasileiras que nunca foi feito neste país.

Quando nós tomamos a decisão de fazer em dezembro, pasmem, eu era criticado porque estava esburacado. Quando eu resolvi tapar os buracos, então disseram que não valia aquela operação. O dado concreto é que nós, de janeiro até agora, já fizemos 43% das coisas que nós nos comprometemos a fazer, numa demonstração de que a construção civil, seja leve ou pesada, está vivendo um ano auspicioso, porque só de restos a pagar e no Orçamento que vai ser aprovado esta semana pelo Congresso, são praticamente 9 bilhões de reais para o setor rodoviário no Brasil.

E fazemos isso não porque queremos fazer investimento de graça, fazemos isso porque o Furlan não pára de viajar, não pára de exportar e,



portanto, nós precisamos dotar os nossos portos, aeroportos e as nossas rodovias de melhor qualidade.

Agora, por que isso aconteceu, meus companheiros, e pode acontecer mais? Para que a gente não tenha memória curta, eu vou reeditar aqui, vamos ver algumas medidas que nós tomamos. Eu não vou ler todas, vou ler apenas algumas medidas que nós tomamos na área da construção civil: redução do IPI de itens da cesta básica da construção, que nós fizemos agora, que o Furlan falou. Vários produtos com 15%, reduzimos para 5%, e vários com 5% reduzimos para zero. E ainda falta aprimorar. Vejam, o que nós estamos é fazendo um trabalho e, na medida em que as coisas vão dando certo, na medida em que essa redução de impostos chegue ao consumidor, a gente tem mais incentivo e mais razões para que a gente possa, o lado produtivo vencer o lado monetário, e a gente ir aprovando. Eu funciono como uma espécie de juiz porque eu acho que os dois têm razão. Quando vocês estão na casa de vocês e dois filhos começam a brigar, vocês nunca tomam parte de um, que vocês vão perder. Então, é melhor tentar contemporizar, encontrar um meio termo e fazer eles se entenderem como irmãos. Mas nós sabemos que o crescimento do país passa por um processo de ir encontrando as prioridades dos setores para que a gente possa desonerar.

Isenção do Imposto de Renda, na troca de imóveis residenciais. Paulo Frateschi, você comprou um imóvel agora. Antes, você comprava um imóvel, recebia e pagava Imposto de Renda do valor do imóvel que você vendeu. Agora você tem 180 dias. Se em 180 dias você comprar um outro imóvel, você não tem que pagar Imposto de Renda. Portanto, é uma medida que não te permite se transformar num sonegador, o Estado faz justiça de permitir que você tenha a oportunidade de utilizar a totalidade do seu recurso na compra de um outro imóvel, porque, senão, o que acontece? Você vende uma casa por 180, pensando em comprar outra de 180, o Fisco te toma uma parte e você não tem mais os 180. O que nós estamos garantindo é que você tenha a



totalidade do dinheiro que você arrecadou pela venda para que você possa comprar outro imóvel em 180 dias.

Redução do Imposto de Renda sob alienação de imóveis. Essa Lei, todo mundo sabe, foi aprovada em 2005. Regime especial de tributação do Patrimônio de Afetação: essa foi uma revolução no setor da construção civil porque no Brasil os bancos privados não emprestavam dinheiro porque não tinham a garantia de tomar o imóvel financiado, emprestado. O que nós fizemos foi dizer o seguinte: quem compra tem que pagar, se não pagar, quem emprestou tem o direito de tomar. Se isso vale para um automóvel, vale para qualquer coisa. Agora, estamos pensando em fazer para os caminhões. Nós queremos fazer uma renovação da frota de caminhões no Brasil, mas a Justiça diz que o caminhão não pode ser dado como garantia. Maravilhoso, primoroso, extraordinário, louvável. O caminhão não pode ser dado como garantia porque é um patrimônio de levar a renda e o pão para dentro de casa. Teoricamente, é maravilhoso. Só que a empresa que tem o caminhão não vende o caminhão se não tiver garantia. A lei protege o cidadão, mas ele não tem o caminhão. Então, nós estamos tentando encontrar uma forma, o BNDES, o Furlan, o Guido estão pensando, para ver se a gente consegue. A nossa frota está velha e nós queremos renovar a nossa frota de caminhões para tornar o frete mais barato, gastar menos as nossas estradas, quebrar menos as nossas estradas.

Uma outra coisa importante: isenção de Imposto de Renda para títulos representativos de créditos mobiliários, foi aprovada ainda em 2004. Vamos ver outras coisas, eu só vou falar da construção civil porque nós estamos convencidos de que esse setor não só é um setor que gera emprego, mas é um setor que pode fazer com que a economia brasileira cresça mais rapidamente, porque ele precisa de mão-de-obra que não exige uma qualificação universitária ou de curso técnico, as vezes é uma mão-de-obra muito rápida e nós entendemos que é possível, rapidamente, darmos respostas às necessidades do Brasil.



Então, quando eu venho a uma feira como esta eu não venho comprar nada, eu venho apenas rever companheiros que acreditam neste país e dizer para vocês o seguinte: vocês podem ficar certos de uma coisa, o que nós fizemos é muito, mas ainda não é tudo que pode ser feito para que a gente possa deixar o setor nos “trinques” para dar a resposta que vocês querem dar, que os trabalhadores precisam que seja dada, que o povo precisa que aconteça no Brasil e que nós, governo, esperamos porque acreditamos na competência de vocês.

Eu só quero pedir uma coisa para vocês: este é um ano eleitoral e, por incrível que pareça, no Brasil, em ano eleitoral, ao invés de as coisas andarem para a frente, as coisas andam para trás, porque durante seis meses você não pode fazer muita coisa. Eu quero dizer para vocês o seguinte: eu tenho dito todo santo dia, nós não podemos permitir que qualquer que seja a temperatura do processo eleitoral, que sempre é quente, que isso mexa ou crie qualquer embaraço na economia brasileira, no setor produtivo brasileiro e na geração de riqueza neste país.

Vocês estão lembrados que não foi fácil chegar onde nós chegamos, vocês já viveram outras experiências na história do Brasil, viveram na década de 60, 70, 80, 90, vocês estão vivendo esta experiência agora. Nós optamos por não fazer mágica na economia, nós optamos por não colocar um “mandrake” para dirigir a economia brasileira, nós colocamos alguém que pensasse este país para os próximos 15 ou 20 anos. O resultado positivo disso depende única e exclusivamente de nós, não depende de candidato a deputado, a governador, a presidente da República, de senador, depende única e exclusivamente de nós.

Nós temos algumas coisas importantes para acontecer, nós temos que votar a Lei Geral da Micro e Pequena Empresa que está lá, no Congresso Nacional, há muito tempo. As pessoas podem brigar, as pessoas podem falar mal do governo. Não tem problema, mas vote, vamos fazer a lição de casa e



depois fazer a política do xingamento, não tem nenhum problema. Todos nós estamos habituados a isso. O que não pode é as coisas importantes não serem votadas.

Se o Orçamento tivesse sido votado no ano passado, nós já teríamos colocado mais 4 bilhões e 300 na educação brasileira, que é o Fundeb. Como o Orçamento não foi aprovado, nós não colocamos quatro meses desse dinheiro na educação brasileira. Então vejam, não é porque tem um ano eleitoral que as pessoas acham que, prejudicando o Brasil, vão prejudicar o governo. O governo é uma coisa muito passageira, o governo tem data para entrar e data para sair. Agora, quem é infinita neste país é a sociedade brasileira porque, quando nós morremos, nós renascemos nos nossos filhos, e somos cidadãos do mesmo jeito. Então, é preciso que vocês ajudem as pessoas. Por que não votaram o Orçamento ainda? “Ah, porque não podemos votar o Orçamento, porque não vamos dar dinheiro para o governo gastar, porque é um ano eleitoral.” Ora, isso não está prejudicando o governo, isso prejudica é a sociedade brasileira, prejudica este país. Eu espero que nesta semana votem, porque se depender de mim – e eu estou falando olhando na cara dos principais dirigentes do setor – não haverá um único passo que possa significar um único retrocesso em tudo que nós já conquistamos até hoje e que podemos conquistar daqui para a frente.

Muito obrigado, e boa sorte nesta extraordinária Feira.